

REVISTA TRICERATA

Outubro 2020

Nº 01



A ERA NEW WEIRD



EDITORA CYBERUS

ÍNDICE

- 04 EDITORIAL
- 06 ENTREVISTA
Com a escritora Andressa Araújo
- 08 AMAZOFUTURISMO
Introdução e Explcação.
- 09 RESENHA
*"Há anos- luz de te entrenter"
de Jane Alísth*
- 10 A ERA NEW WEIRD
- 13 O TATUADOR
Gisela Lopes Peçanha
- 16 PÁGINAS QUEER
*A representatividade LGBTQIA+
na literatura fantástica*
- 24 PARCEIROS DA EDITORA
- 27 NOVIDADES E LANÇAMENTOS



EDITORIA CYBERUS



REVISTA TRICERATA

EDITORIAL

A Revista Tricerata chegou!

Uma revista bimensal exclusivamente digital de fantasia, ficção científica e horror. A revista traz o melhor destes três gêneros da literatura fantástica em colunas e conteúdos singulares, desde entrevistas com autores a novidades da editora. Nesta primeira edição, você irá conferir uma entrevista com a autora paraense Andressa Araújo contando um pouco sobre sua escrita e sobre o horror cósmico; você será apresentado ao universo rico e futurista do subgênero da nova ficção científica brasileira: Amazofuturismo; tem também uma ótima resenha escrita por um dos nossos blogs parceiros sobre um conto que mescla ficção científica com romance; temos um presente surreal para você! Um conto inédito, selecionado exclusivamente para esta edição de lançamento; conhecerá todo o glamour da representatividade LGBTQIA+ com autores queer que têm contado e revolucionado a literatura fantástica; e temos nossa matéria mais que especial, A era new weird, contando desse fucking gênero recente que mescla fantasia, ficção científica e horror (e que não é só isso!) e, por fim e não menos importante, as futuras novidades da Editora. **S i g a** nossas redes sociais e saiba mais sobre como participar de colunas para a Revista. Estamos sempre buscando autores e conteúdos novos!

Lucas Lorrان

Maurício Coelho

A Revista Tricerata é uma publicação independente.
Ajude-nos curtindo as redes sociais da editora.
Acesse pelas imagens abaixo:



EXPEDIENTE

Fundador:

Maurício Oliveira Coelho Marques

Editor-chefe:

Maurício Coelho

Equipe editorial:

Alice Cezar Lourenço, Lucas “Havoc”
Suzigan, Lucas Lorrان e Marinilce Oliveira
Coelho

REVISTA TRICERATA

Editores:

Lucas Lorrان e Maurício Coelho

Capa:

Alice Cezar Lourenço e Lucas Lorrان

Design e diagramação:

Ana Ferreira

Todas as imagens utilizadas nesta revista são imagens livres de direito.

REVISTA TRICERATA. Ed. 1, ano 1, nº1. Pode ser baixada gratuitamente no site da Editora Cyberus. **Periodicidade:** Bimestral

ENTREVISTA COM A ESCRITORA ANDRESSA ARAÚJO

Ela nasceu em Belém, PA. É formanda em Pedagogia pela UFPA.

Publicou Transeunte e um conto em Horrores Insondáveis.

Contato: dessyaraujo@gmail.com



1 - *Então, começa falando pra gente como surgiu seu desejo pela escrita?!*

Desde criança sempre me interessei pela literatura. Gostava de ler, contar histórias e, por vezes, me aventurava criando histórias que na época podiam ser mirabolantes e não fazer sentindo algum. Com o passar dos anos, procurava sempre me expressar através da escrita e anotar sonhos malucos que eu tinha tentando criar um início e um fim que pudesse ser aproveitado para um conto ou um romance. Acredito que o desejo sempre

esteve ali, a mudança fora apenas a vontade de me lançar para o mundo e fazer outras pessoas também se relacionarem com algo que eu havia escrito.

2 - *Tu és ligada em redes sociais pra divulgar tuas histórias?*

Já utilizei blog, Tumblr e outras redes sociais para divulgação, mas atualmente tenho utilizado mais o Instagram para produzir lives e conteúdo relacionado ao meu livro de poesias e outros trabalhos que estejam sendo elaborados. Gosto do Instagram como meio de divulgação porque dá bastante visibilidade, entretanto, confesso que não sou tão ligada em ficar divulgando pelas redes sociais devido a minha rotina corrida.

3 - *Pensando em inspiração, quais autores influenciam na tua escrita?*

Durante minha vida tive vários escritores que conversaram comigo intimamente e formaram o meu eu atual. Diria que, a minha maior inspiração, foi o autor André Vianco, pois quando conheci seus livros, me encantei e, quando soube das dificuldades que ele teve ao ser publicado inicialmente e sua perseverança, bom, aquilo foi o primeiro estímulo que senti de que eu também poderia fazer o mesmo um dia. Atualmente possuo outros autores que me constituíram, como: Andrei Simões, Raymond Carver, entre outros.

4 - *Como foi teu primeiro contato com o subgênero horror cósmico?*

É engraçado que o termo horror cósmico me era desconhecido até conhecer as obras de Lovecraft, mas eu já consumia mídias que se encaixavam no subgênero e sempre foi algo que me chamou a atenção, até mesmo assombravam meus sonhos. Porém, diria que, meu primeiro contato fiel fora quando li “O chamado de Cthulhu” há alguns anos e fiquei admirada com a ideia de algo inimaginável. Não preciso nem dizer que meus sonhos aumentaram depois do contato e entendimento sobre o conceito de horror cósmico.

5 - *Tu és uma das escritoras da antologia “Horrores Insondáveis”, como que surgiu a ideia para o conto?*

A ideia para o conto “A Deusa Ofídica” foi um processo de longo estudo, releitura de vários contos de Lovecraft e levou-me dias até de fato chegar em uma ideia concreta para desenvolver. Entretanto, a premissa do conto era algo que já estava inserida em minha mente. Como moro em Belém e estou trabalhando em um livro de contos inspirados nas lendas e mitos nortistas, estava totalmente absorta na lenda da Cobra Grande e resolvi utilizar a mesma entidade como criação para o meu conto. A partir dessa ideia, as imagens do conto começaram a surgir em minha mente e iniciei a construção da escaleta e as ideias foram fluindo. Quase como um vômito ininterrupto as palavras jorraram no papel.

6 - *Se tu fosses indicar o subgênero horror cósmico para os leitores, qual história e/ou autor(a) tu indicaria? Fala pra gente o motivo.*

Diria que Lovecraft é uma leitura obrigatória para o gênero, porém outros autores que, talvez possam divergir um pouco do subgênero dependendo da

obra, mas que valem a pena conferir seriam: Stephen King, Mary Shelley, Edgar Allan Poe e Clive Barker. São autores que exploram diversas temáticas interessantes e reflexivas em contextos um tanto quanto peculiares.

7 - *Como é o subgênero horror cósmico na literatura brasileira na tua opinião?*

Acredito que ainda vá crescer bastante. Pelo contato que tive com os escritores da antologia e outras, vejo a quantidade de autores brasileiros incríveis que devem começar a aparecer no mercado, assim esperamos. Infelizmente, ainda não é tão intenso, ao meu ver, até mesmo o entendimento do que seria o horror cósmico e outros subgêneros literários no Brasil. Espero que, aos poucos, essas informações sejam mais exploradas pelos leitores e mais livros de horror cósmico sejam publicados.



Quer ter a chance de ser publicado conosco? Mande-nos um e-mail: editoracyberus@gmail.com

AMAZOFUTURISMO: INTRODUÇÃO E EXPLICAÇÃO

Helder Alves Frazão Júnior é também músico aspirante, publicando de forma independente seus trabalhos sob os nomes: Musicametria, HLDJR e Stickmoon.
Contato: contato.hldr@gmail.com

Osom de maquinário a chiar; luzes neon invadindo por entre folhas verdes; saguis e preguiças em árvores, com cobras rastejando pelo chão; uma comemoração na aldeia. Essas descrições todas constituiriam obras e cenários extremamente díspares, mas não sob o rótulo de “Amazofuturismo”. Todas essas visões extremamente diferentes se misturam em uma só ambientação magnífica.

Enquanto buscam novas formas de se relacionar com o cenário nacional, em que tradições são a todo tempo ameaçadas, e novas formas de se viver a identidade indígena têm de ser formadas, muitos artistas tomam o que é tipicamente tido como um ideal branco de vivência: a ficção científica e o futuro. Tomando como inspiração desde “Androides Sonham Com Ovelhas Elétricas” e os escritos de Jeronymo Monteiro, cosmovisões indígenas de todos os tipos, e até o futurismo positivista encontrado no Solarpunk e Afrofuturismo, escritores e desenhistas de todas as etnias tentam imaginar uma nova visão de mundo para o organismo vivo que é Pindorama. Futuros convergindo para uma visão que conserve o respeito imenso que se possui por aquilo que vive, e tudo o que já se foi.

Amazofuturismo, portanto, não serve apenas como um termo para luzes neon brilhando em cenários tropicais aleatórios e sem contexto. O gênero serve como uma forma de representar pessoas e povos que não possuíam existência em um local além de passados em uma dita ignorância, como se não existissem no presente e não pudessem existir no futuro, especialmente um que fosse otimista. É a retomada das suas próprias narrativas para o imaginário popular de vidas e vivências que foram tomadas.



RESENHA DE “HÁ ANOS-LUZ DE TE ENTENDER”

Autora: Jane Alísth (user @SrtaBruxaAlien)

Gênero: conto, romance, ficção científica

Onde encontrar: Wattpad

“**H**á Anos Luz de te Entender” é um conto de três partes publicado no Wattpad pela autora Jane Alísth. E conta uma pequena aventura espacial dos adolescentes - prodígios Vega Moura e Gael Eridani. Os dois são filhos de diretores de agências espaciais e estão sempre tendo que dar o seu melhor para superar, ou pelo menos alcançar todas as expectativas que são lançadas a eles.

A Vega é bem mais competitiva que o Gael, isso é visível assim que começamos a ler o conto. O Gael apenas reconhece o esforço dela, e não tem uma inclinação à retaliação da mesma forma que ela.

Logo no início também, dá para perceber que se trata de um romance “de inimigo a amantes”, já que a primeira coisa que descobrimos sobre a Vega é que ela odeia o Gael, e que ainda assim ela está disposta a segui-lo para dentro de uma sonda espacial que seus pais construíram.

Acontece que o Gael estava fugindo, e como a Vega decidiu dar uma de espiã, quando ela se revela já é tarde demais e eles já estão em processo de decolagem para outro planeta.

A descrição da Jane sobre todos os detalhes da nave, todos os fatores espaciais, e cálculos, física, astronomia, e afins são perfeitos, e me faz querer perguntar a ela quantas vezes ela já fugiu para o espaço em uma nave roubada dos

pais dela. Ou se os pais dela também são engenheiros espaciais.

A história é toda muito bem escrita, e os personagens - apesar de serem pequenos gênios - são muito reais, com problemas reais (eu queria guardar o Gael num potinho). As implicâncias de adolescente, as competitividades de pessoas que crescem juntos, o princípio do romance de jardim de infância (quanto mais ele implica com você mais ele gosta de você), são todos fatores que transformam essa aventura de ficção científica em um dos romances mais fofos que eu já li.

A cena das estrelas fez meu coração derreter.

Essa é uma história sobre como nunca podemos assumir saber o que o outro está sentindo, sobre coragem, e como tudo pode mudar num susto.

**L.L.
Abraham**



A ERA NEW WEIRD

Um gênero com o nome pouco conhecido aqui no Brasil, para não dizer no mercado editorial do mundo todo, o new weird tem crescido em influência no cenário da ficção de gênero nos últimos anos, bem como seus principais expoentes, tornando-se um referencial. Mas é inegável a força que a sua difusão vem assumindo recentemente. Dos ramos mais transgressivos da literatura chamada weird, o new weird chegou pra ficar. E, parafraseando as palavras do escritor Jeff VanderMeer, “o New Weird está morto! Vida longa ao Next Weird!”

Mas, primeiro de tudo, é necessário entender o que é o new weird, de onde ele vem, quais suas características e, principalmente, o motivo disso ser importante.

Dentro da chamada ficção de gênero, que abarca a literatura “de mercado”, produzida para o consumo massificado, há os ramos da ficção especulativa, que abrange toda a literatura que envolve elementos sobrenaturais, futuristas e fantásticos. É aqui, por exemplo, que encontramos a literatura de fantasia, horror e ficção científica, centrais nesta revista. E, permeando esses

gêneros de forma transversal, temos a ficção weird.

Surgida no início do século XX, com raízes do século XIX, como Poe e Chambers, a ficção weird, nas palavras de China Miéville, “é geralmente, grosso modo, concebida como uma ficção macabra angustiante e genericamente incerta, um fantástico sombrio (‘horror’ com ‘fantasia’), muitas vezes apresentando monstros alienígenas não tradicionais (portanto, com ‘ficção científica’).”¹ Ou seja, é um gênero que, sob uma primeira camada, fortemente influenciado pelos trabalhos de H. P. Lovecraft e seu horror cósmico, mescla elementos da ficção fantástica e do horror com a ficção científica. Porém, contextualizando o surgimento do gênero, percebe-se que a coisa é um pouquinho mais profunda. O weird, em seu surgimento, não consistiu apenas em um gênero “híbrido”, uma espécie de ficção slipstream nascida nos anos 1930. Não. Ele foi, acima de tudo, um movimento de transgressão. O weird, quando aparece, lança-se diretamente contra não uma política, mas contra a cristalização de fórmulas que a literatura, especialmente a ficção de gênero, trazia em seu bojo. Autores como Edgar Allan Poe foram revolucionários em seus contextos, mas a literatura aos poucos se estacionava em torno de moldes narrativos, tornando-se difícil o rompimento deles e a criação de algo diferente daquilo que se produzia para vendas e consumo de forma massificada.

Dessa forma, ele funcionava como um protesto contra essa cristalização de modelos de escrita, e colocou-se, desde os anos 30, como uma alternativa viável para se escapar dela, criando algo diverso do que



¹China Miéville, “Weird Fiction”, in: Bould, Mark et al, **The Routledge Companion to Science Fiction**. New York: Routledge, 2009, p. 510-516.

e produzia na literatura mais convencional.

Iniciados, como dito anteriormente, sob forte influência da obra de Lovecraft e seus Mythos de Cthulhu, o weird trouxe para a literatura novas perspectivas de se conceber o horror, especialmente a partir do cósmico. Aqui as criaturas, alienígenas na mais profunda essência do termo, estão muito além da capacidade de compreensão da mente humana, que rejeita a sua existência. E, nesse impasse entre rejeição do percebido e a realidade pré-concebida do sujeito, acontece um choque. E o resultado, quase invariavelmente, é a loucura ou morte dos personagens que entraram em contato com essa realidade proibida e perigosa demais para ser conhecida.

Isso causou um impacto muito grande na literatura, possibilitando a construção de histórias que fugiam dos moldes hegemônicos. Apesar de ter uma escrita bastante viciada em alguns pontos (excessivamente adjetivada, palavras muito repetidas,...), e uma carga pesada de preconceitos (especialmente raciais, mas também nacionais ou regionais), Lovecraft tornou-se um paradigma em termos de contos de horror, influenciando gerações seguintes no gênero, e consolidando o weird como uma alternativa viável ao tradicionalismo estanque da ficção de gênero.

Porém, como é de se imaginar, essa revolução na escrita se consolidaria como um novo paradigma, um novo molde mestre, ao qual autores recorreriam como inspiração e como alicerce para suas narrativas. Ou seja, por mais que o movimento que gerou o gênero weird tenha buscado alargar as possibilidades narrativas da ficção especulativa, e da ficção de gênero também, essas possibilidades se cristalizaram em torno do que esperam ser um conto “lovecraftiano”, por exemplo. E é

aqui que entra o new weird.

Nomeado nos princípios dos anos 2000, o gênero consiste numa tentativa de percorrer a mesma senda do (old) weird, especialmente no tocante da busca pela transgressão aos moldes e lugares comuns da literatura em sua busca por histórias de qualidade, que contribuam para a ficção especulativa, reafirmando a intenção do movimento original em romper com essas tradições. Ao seguir os passos do old weird, especialmente em sua essência transgressiva, o new weird tenta abrir um novo leque de possibilidades para a escrita especulativa. Aqui novamente a máxima da repulsa às regras estabelecidas em prol da liberdade criativa do autor vira chave central.

De forma similar à literatura weird, o new weird apresentava, em uma primeira impressão, elementos da fantasia, do horror e da ficção científica. A proposta é, de fato, um gênero que surge da hibridização desses anteriores. Mas, conforme você investiga, percebe que a coisa é mais profunda e abrangente. Embora parta, de fato, de uma mistura entre os três gêneros, o new weird não se contenta ou se limita a isso, mas sim se levanta radicalmente contra as regras que regem toda a ficção de gênero. New weird não é fantasia, horror ou ficção científica. Ela é isso, com certeza (ou talvez), mas também pode ser romance policial, comédia, drama, ou mesmo o puro nonsense, buscando usar-se desses elementos para construir uma narrativa de qualidade sem os preconceitos de “Isso pode/não pode”.

O sobrenatural é um elemento sempre presente, e a relação com ele marca o gênero. A fantasia está lá. Longe das asas de Tolkien, o new weird pensa em mulheres com face de besouro, homens lagarto e alienígenas que se reproduzem colocando ovos em humanos, mas também

utiliza-se da magia, seja uma mistura estranha de tecnologia taumatúrgica, talismãs e energia ou energia sombria emitida por dedos de mascarados. A ficção científica marca presença, seja na forma de tecnologia avançada (ou por que não o bom e velho steampunk?), mas principalmente na abordagem com o sobrenatural. Suas criaturas, embora nem sempre profundamente explicadas, são estranhas a ponto de muitas vezes não poderem ser facilmente concebidas como fruto do nosso folclore, especialmente em sua abordagem. O horror muitas vezes, diferente do cósmico, distante e incognoscível horror lovecraftiano, apresenta-se como algo próximo, real e pessoal, mas ainda sim profundamente questionador da realidade, tanto dos personagens quanto do próprio leitor.

Nenhum elemento é “proibido” quando o objetivo é construir uma narrativa efetivamente boa. A liberdade de escrita é a regra. Todo o acervo da fantasia, horror e ficção científica estão à sua disposição, bastando ao escritor fugir um pouco dos modelos tradicionais e criar algo que valha a pena ser contado. “Abandone os clichês!”, diz o new weird. “Rompa os seus limites”, “Tente algo novo”, “Ouse fazer!”. Não há padrões! A boa história em si se justifica.

Caso seja um novato no gênero e estiver interessado em conhecer mais a respeito, tentarei traçar umas breves recomendações. Das indicações literárias, todas estão em português e disponíveis na Amazon.

Dos livros, as recomendações mais relevantes para o gênero, com certeza, estão nos autores Jeff Vandermeer com a sua Trilogia Comando do Sul (Aniquilação, Autoridade e Aceitação) e no China Miéville, com o primeiro volume da trilogia Bas-Lag (Estação Perdido) e A cidade e a cidade,

embora a obra Filhos de Sangue, de Octavia Butler, também seja uma recomendação de peso.

No mundo dos videogames, Dishonored, da Arkane e o recentíssimo Control, da Remedy são menções importantes, enquanto jogos da Failbetter Games (Fallen London, Sunless Sea e Sunless Skies) e a franquia Skyrim da Bethesda sejam muitas vezes recomendados nesse gênero.

Dos jogos de RPG, referências importantes, como os excelente Planescape, Dark Sun e Spelljammer, de Dungeons and Dragons, muitas vezes antecederam o surgimento “formal” do gênero, apontando talvez uma tendência que eventualmente desembocaria no nascimento do new weird.

No cinema, as recomendações de maior destaque são Labirinto do Fauno, de Guilherme DelToro, Império dos Sonhos, de David Lynch e o recentíssimo Desculpe te Incomodar, de Boots Riley, e, na televisão, Dorohedoro (anime), Stranger Things (série) e, talvez, Gravity Falls (animação infantil).

A minha página do Medium (@ lucassuzigan) tem alguns artigos sobre o gênero traduzidos do inglês com o intuito de divulgação.

Por fim, se sentir-se inspirado, a Editora Cyberus está com uma antologia aberta com a temática new weird (minha organização), cujo edital pode ser acessado no site da mesma.

Boa sorte e vai escrever!

Lucas “Havoc” Suzigan

Historiador e escritor. Escreve especialmente nos gêneros de fantasia, horror e ficção científica.

O TATUADOR

“Longe desse escarcéu, no silêncio reconquistado, posso ouvir as borboletas voando pela minha cabeça...De fato, as borboletas devem dar-me ouvidos”.

— Jean-Dominique Bauby, O Escafandro e a Borboleta

Que fastio de borboletas! Não aguentava mais. Já teria pintado toda a população de borboletas da Amazônia, das Ilhas Galápagos, e de todos os jardins de Paris... borboletas infinitas, lhe nutrindo uma ira mais infinita ainda.

Barão sentia que sua veia artística se tornara pele artística; cinco anos na Escola de Belas-artes – na bucólica França – tese sobre o temperamento explosivo-corrosivo de Camille Claudel e, agora ali, trancado naquele estúdio repleto das entojadas borboletas, dragões, caveiras e defuntos do rock and roll. Sem poder criar nada de tão excepcional nem atingir voos maiores, vivendo naquele moto-contínuo de figuras repetidas. Frustração perpétua...tão permanente quanto as tatuagens que fazia.

Foi quando, certo dia, adentrou a loja uma mulher de seus quase cinquenta anos: alta, bonita, com um par de óculos escuros gigantescos lhe cobrindo quase toda a face, e com um imenso

turbante amarelo na cabeça.

— Boa noite. Tenho hora às sete. – Sussurrou, secamente Barão pediu para que ela se sentasse e aguardasse, até ele terminar a joaninha que tatuava numa adolescente.

A mulher ficou sentada por trás dos óculos imensos, folheando uma revista com uma sepultura sangrenta na capa. Parecia tranquila. Um pouco fechada e triste, mas paciente. Soturna. Blasé.

Passados alguns minutos, ele a chamou, após finalizar sua “obra-prima” de cinco joaninhas montadas num skate.

— Meu nome é Tegosa Claudina... mas pode me chamar apenas de Claudina – disse a mulher, com uma voz melancólica.

Tegosa Claudina? ele repetiu em sua mente. Tegosa? Esse nome me é familiar. Hum, deve ser italiano? Olhou para o lado, e logo pegou o mostruário, ao lado da enciclopédia dos lepidópteros das Américas, e o entregou nas mãos dela. Ela recusou. Retirou os óculos, e ele pôde ver um par de olhos enormes e negros, da

cor de uma pedra ônix... jamais vira olhos tão grandes e tão brilhantes assim! Ela o olhou profundamente, e disparou:

— Não preciso de álbum. Dispensou.

E, diante do olhar perplexo do tatuador, começou a se despir: arrancou de uma só vez a túnica longa coloridíssima que vestia, e ele logo observou que a pele da mulher era totalmente lisa de tatuagens. Nem uma mísera florzinha sequer! Pele alva e virgem, translúcida... tela em branco clamando pelas mãos de um grande artista – ele pensou.

— Claudina, não precisa tirar a roupa toda! Mas ela tirou. Ficou apenas com uma calcinha bege e o turbante. Barão ficou com os olhos arregalados até que, de repente, ela virou-se e ele pôde ver uma cicatriz torta e medonha – que ia da nuca até o início das nádegas: um metro de cicatriz densa e disforme. Ele suou frio. Não conseguia esboçar reação. Claudina voltou-se para diante dele e, com uma voz firme e impositiva, disse:

— Quero que você me tatue.

Sensibilizado e bem nervoso, ele apiedou-se da mulher.

Não perguntaria, jamais, quem lhe fizera tamanho mal; não queria chamar atenção para o rasgo

grosseiro e brutal que ela carregava nas costas. Quem teria feito tamanha barbárie com ela? Teria sido uma cirurgia? Não, era um corte profundo, imperfeito e pavoroso. Feito de qualquer jeito. Abrupto.

Sentiu-se prestigiado e, até, honrado. Não apenas traria uma nova vida para ela – que merecia resgatar sua autoestima – como teria oportunidade de criar. Aquele era um dia que se tornaria inesquecível para ambos.

A pele dela era a tela esplêndida que ele esperava, mesmo com a deformidade corroendo tudo, miseravelmente. Um torto bordado esburacado, naquelas costas mortificadas. Mas ele daria tudo de si! Seria sua real obra-prima e, ainda, com valores humanitários. Os cinco anos na Escola de Belas-artes e a nota máxima na monografia final, finalmente estariam honrados.

— Senhora Claudina, não se preocupe. Tenho uma ótima ideia para cobrir sua cicatriz – disse Barão.

Ela o olhou no fundo dos olhos, e sussurrou quente em seu ouvido:

— Eu não quero cobrir a cicatriz. Ele pasmou, e quase engasgou.

— Não? Como não? – Perguntou, deixando escapar sua indefectível decepção indisfarçável.

E achou que havia sido rude e deseducado. Claudina não tinha

complexo algum com a marca! Que vergonha ele sentiu! Mas tudo bem: agora, faria um desenho extraordinário, colossal, ao redor da cicatriz... tudo estaria resolvido e, a gafe dele seria perdoada.

Ela não quis ver o mostruário, então, confiava no talento dele - pensou. Quem sabe pudesse tatuar todos os momentos marcantes da vida dela? O nascimento dos filhos, o primeiro grande amor inesquecível... aquele corpo branco ficaria como uma Capela Sistina, retratando o histórico de uma vida. E lágrimas caíram de seus olhos. Sua arte represada, desvalorizada, finalmente jorraria em triunfo!

Olharam-se com cumplicidade. Havia uma tensão benigna no ar. O resultado seria o melhor dos mundos. Que felicidade ele sentiria, proporcionando àquela mulher provavelmente tão sofrida, um oásis de beleza e de cura em seu corpo.

Claudina deitou-se, e Barão a cobriu com um lençol - delicadamente - deixando apenas suas costas nuas; colocou as luvas, máscara, e puxou a mesinha com o material que usaria: muitas tintas, as mais caras e raras, a seu dispor. E viu-se como um cirurgião emanando luz divina através das mãos...mãos de um grande pintor, de um escultor. Sentiu-se poderoso, como jamais. Sentiu-se: Deus.

Claudina estava em silêncio, mas com a respiração ansiosa e forte, denotando uma grande emoção contida.

Entusiasmado e esfuziante, o tatuador sentou-se no banquinho diante dela e perguntou, eufórico:

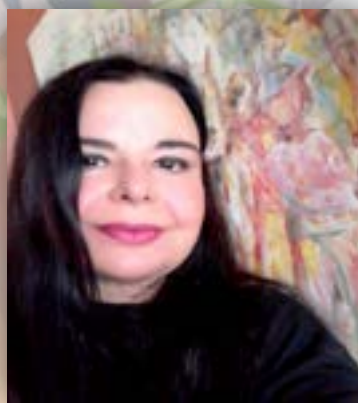
— Então, Dona Claudina...tenho tantas ideias para desenhar em sua pele... a senhora quer sugerir algo? — Ao que ela, com os olhos ensopados, represando o choro, respondeu: — Quero que tatue minhas asas, que o caçador de borboletas arrancou.

E retirou o turbante, revelando duas enormes antenas que quase tocavam o teto.

Barão viu tudo escuro e, derrubando todas as tintas ... tombou.

Ao acordar, estava sozinho, e achou que tivera um terrível pesadelo.

Foi ao Google, buscou pelo estranho nome da mulher, e desmaiou mais uma vez: caindo ao lado de um turbante amarelo.



Gisela Lopes Peçanha nasceu em Niterói, RJ. Venceu os concursos literários: PRÊMIO RUBEM ALVES da Feira Nacional do Livro de Ribeirão Preto, em 2015; VIP DE LITERATURA, em 2017 e 2019; vários prêmios literários em concursos de universidades: Universidade Federal do Pampa (2019), Universidade de Brasília (2020) e UNICAMP (2020).

Contato: giselamusik@yahoo.com.br

A REPRESENTATIVIDADE LGBTQIA+ NA LITERATURA FANTÁSTICA

Ser o aluno que sofre bullying na escola, ou a menina com comportamento “esquisito”, ou então descobrir que dentro do armário existe um mundo encantado onde todos te amam, ou, quem sabe, viajar pelo universo lutando contra um governo extremista, ou talvez ser tida como vilã, só porque sua história foi mal contada. Estes são alguns exemplos de narrativas fantásticas que tanto nos encantam. Diversos autores renomados basearam

suas sagas na realidade para que pudéssemos viajar para realidades paralelas através da leitura. Mas por que narrativas ficcionais, que representam tão bem a realidade de um grupo muito específico de leitores, são em sua grande maioria – arrisco dizer sempre – vividas por personagens que não representam este grupo? Para ser mais claro, por que tais narrativas têm como protagonistas o mesmo padrão de personagem: homem, branco, cisgênero e

heteroafetivo? Será que a mensagem de “seja diferente” de nossa literatura fantástica vem com um adendo “mas seja este tipo de diferente”?

O impacto de narrativas tão densas e cativantes na realidade de quem as lê é indiscutível. É comum ouvirmos de leitores de diferentes fandoms que se apaixonaram pela história simplesmente por estarem vivendo situações muito semelhantes àquelas narradas nos livros.



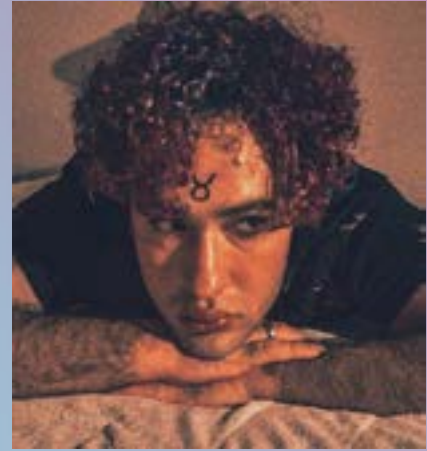


“Cumprir aquela fantasia de toda criança de fugir de sua casa e descobrir um mundo novo que o acolhe muito mais do que aquele em que ele vive”

Como o autor de *Dama no Bosque*, Felipe Cavalcante (Manaus, AM) contou pra gente sobre seu primeiro contato com a literatura fantástica, o popzinho Harry Potter, e como a saga colaborou no seu processo de autoconhecimento.

Felipe relata que mesmo não sofrendo

em casa, enfrentou situações de bullying na escola: “sofri na escola com uma boa carga de bullying, e sonhar em ter esse lugar especial para onde eu pudesse ir era algo que me tocava muito forte”. É muito interessante saber que encontramos esse “refúgio” na narrativa, e não necessariamente na personagem, visto que Harry Potter não é um personagem queer, mas cativa por “cumprir aquela fantasia de toda criança de fugir de sua casa e descobrir um mundo novo que o acolhe muito mais do que aquele em que ele vive”, afirma Felipe. Mas se narrativas com personagens heteroafetivos retratando problemáticas do nosso cotidiano já nos conquistam tanto, o que pode acontecer quando nos deparamos com um personagem queer, ainda que “tímido”.



“A literatura fantástica me mostrou [...] que ser gay não me impedia de ser representado em histórias.”

Gabriel Yared (Macapá, AP), escritor de contos fantásticos, contou sobre como a descoberta da homoafetividade do protagonista lhe deu uma perspectiva de poder ser representado nas histórias. “A literatura fantástica me mostrou, quando tinha por volta de catorze anos, que ser gay não me impedia de ser representado em histórias. Isso se deu

através da revelação de Nico di Angelo em ‘A Casa de Hades’, do Rick Riordan. Foi incrível ver como, além de ser um poderoso semideus, Nico é homossexual”.



FOTO: YASMIN MIRANDA

“Foi quando eu percebi que era muito seguro ser eu [risos], não era só seguro, mas era uma delícia ser eu, sabe?”.

Para o escritor Breno Torres, a literatura fantástica foi seu diário de confissões. Ele não tem dúvidas em afirmar

que o gênero impactou muito em seu entender de homem gay: “Quando eu percebi a potência da representatividade LGBTQIA+ nas obras da Anne Rice, o terror dramático, o terror sombrio elegantíssimo da Anne Rice. Foi quando eu percebi que era muito seguro ser eu [risos], não era só seguro, mas era uma delícia ser eu, sabe?”.

Leitores não-LGBTQIA+ podem não encontrar dificuldade em achar representatividade em suas histórias favoritas, talvez não sintam uma necessidade desesperada para ser aceito no meio literário ou midiático, ainda mais quando personagens que mesmo não sendo afirmado nada sobre sua cor ou sexualidade, já são lidos como brancos e heteros. O mesmo não podemos dizer sobre leitores queer: nós queremos e buscamos estar presentes em

narrativas fantásticas. E não de qualquer jeito, mas de forma real.

O escritor paraense Breno Torres, escritor de Pesadelos Infaustos (terror com personagens LGBTQIA+), contou sobre sua busca por personagens queer nos gêneros que ele ama ler. A falta de personagens que fugiam da heteronormatividade comum ao gênero fantástico foi o que levou o autor a escrever terror com protagonistas iguais a ele: “Foi muito consciente meu projeto literário de escrever o meu primeiro livro de terror falando sobre personagens LGBT, porque me faltava isso. Eu sentia falta disso... Sentia falta disso numa literatura mais mainstream” [...] “eu quero ver terror sendo... com pessoas parecidas comigo. Eu quero ver fantasia com esses temas e principalmente de uma forma alegórica”. Breno ressalta um ponto

muito importante na representação queer das narrativas mainstream: estereótipos e superficialidade. Personagens rasos e presos a narrativas batidas, ou que nos enquadram em uma única realidade (auto descoberta, “sair do armário”, se apaixonar) não são o que buscamos nos livros. “A representatividade que precisamos nas narrativas hoje precisa ser de personagens múltiplos, interessantes, divertidos e tão complexos quanto os personagens cis, branco e heteronormativos são

permitidos ser”, declara Felipe Cavalcante. A luta por espaço e respeito a história do movimento LGBTQIA+ se estende por entre as linhas das histórias que estão sendo contadas em massa. Representatividade vai muito além de citar ou insinuar a existência queer, é preciso contar toda a história.

“Acho que a representatividade não pode ser tratada como um elemento usado unicamente para atrair o público”.



Infelizmente, após o movimento LGBTQIA+ ganhar espaço midiático (o que é o mínimo que a sociedade poderia fazer), tornou-se comum queerbaits – termo em inglês referente a conteúdos de temática LGBT usados somente para atrair o público –, os quais

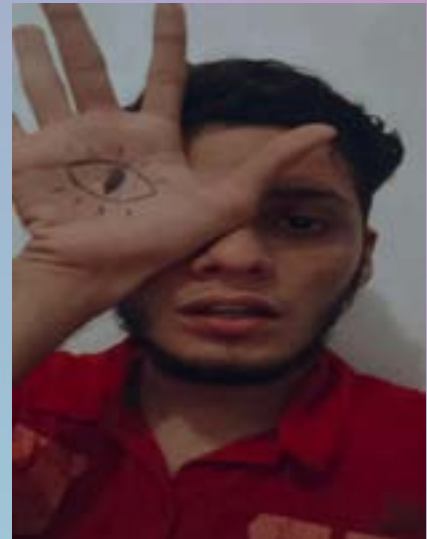


camuflam a ausência de profundidade da mensagem, vendendo uma falsa imagem de preocupação ou apoio ao público queer. “Acho que a representatividade não pode ser tratada como um elemento usado unicamente para atrair o público, até porque isso não gera, de fato, identificação”, critica Gabriel Yared. Não é raro encontrarmos autores cis e heteros citando que algum personagem seu é gay, mesmo que em nenhum momento do livro seja feito qualquer alusão a tal sexualidade (veio alguma escritora em mente?). Apesar disso, o cenário é de mudanças, como Gabriel declara: “Vejo isso mudar com a democratização da publicação no meio digital, e com ela muitos autores que fazem parte da vivência e do movimento estão de fato criando personagens representativas que se mostram mais do que um

rótulo (gay, lésbica, trans), mas uma pessoa real, com desejos, hobbies e problemas. Nas narrativas fantásticas, isso não pode ser diferente”.

Mas é necessário olhar para além das narrativas. É preciso olhar por trás, para quem tem escrito as grandes histórias fantásticas. Breno Torres salienta essa necessidade: “É muito difícil que se uma dessas pessoas que estão fazendo literatura especulativa não é uma pessoa LGBTQIA+, muito provavelmente você não vai ter protagonismo LGBTQIA+ nessas histórias. Então por isso que é muito necessário mudar a estrutura”. O protagonismo queer que de fato representa começa muito antes do primeiro capítulo. Começa na vivência, na observância de histórias reais. Mas como pode ser construída esta representatividade de forma genuína? Nossos três autores entrevistados contaram pra gente como eles procuram construir

tal representatividade em suas narrativas.



“Toda história e todo personagem tem o potencial de refletir a existência de alguém”.

Felipe Cavalcante começa afirmando a importância de respeitar a história: “Quando eu escrevo, primeiramente procuro me guiar pelo o que eu acredito que aquela história necessita e pelo o que ela pode ser. Toda história e todo personagem tem o potencial de refletir a existência de alguém”.

Felipe busca conhecer o personagem e sua sexualidade à medida que escreve mais sobre ele, mas a narrativa não o limita, é preciso pesquisar. “Além disso, procuro fazer uma pesquisa antes, quero trazer uma representatividade positiva, mas que também seja verdadeira e coerente com a realidade e que seja interessante”. Em *Dama do Bosque*, Felipe narra a busca pela identidade que muitas vezes não é a oferecida e escolhida para nós na sociedade, e se faz necessário uma jornada incerta, densa, porém gratificante, onde o eu encontra sua identidade mais íntima.

Gabriel Yared busca fazer a proximidade do seu público leitor o norte para escrever melhor e representar bem realidades distintas: “Estar perto do meu público e de meus amigos com certeza

me faz ter o privilégio de conhecer novas vivências e formas de enxergar o mundo, e assim tento construir a representatividade”. Mesmo que ainda não tenha publicado uma narrativa com personagem queer, Gabriel já tem projetos que contemplam sua realidade como pessoa LGBTQIA+. Em seus contos, Gabriel faz muito uso de uma narrativa mais particular e sensível. Em seu conto *A vida que eu inventei pra você*, Gabriel narra as dores de uma mãe que se arrepende de não ter tido uma postura diferente da qual teve, quando descobriu a sexualidade do filho. “A vida que eu inventei pra você surgiu como uma narrativa breve que não faz parte dos gêneros que eu costumo escrever. Não é uma história fantástica, mas uma síntese de várias realidades que observei

em minha própria vida e nas de amigos próximos”. A partir de realidades vivenciadas e observadas, Gabriel busca representar o mundo em que vive em suas histórias.



"PESADELOS INFAUSTOS"
Primeiro livro do autor Breno Torres

Breno Torres também fala de práticas semelhantes às de Gabriel para construir representatividade em suas histórias de terror. Ele começa citando a representatividade confessional, onde busca escrever a partir do seu próprio protagonismo como homem gay, falando de si: “então eu acho que o primeiro passo

[...] de construir essa representatividade através da identificação e se representar, colocar aquilo que existe em si [...], aquilo que sem tem no universo do eu”. Entretanto é preciso ir além quando se busca um representatividade mais abrangente, uma representatividade coletiva. Breno explica que buscar tal conhecimento pode se um “estalo” para perceber o quão plural é seu convívio social. “[...] Ou seja, o que eu quero dizer com isso: pode ser uma oportunidade de você acender o sinal vermelho na sua cabeça de estudar ‘quem forma o seu ciclo de amigos?’, ‘Será que você tem apenas homens G brancos como pessoas próximas?’, ‘Será que você se relaciona afetivamente com mulheres lésbicas?’”. Dialogar com representatividades diferentes da qual você é como escritor aprofunda ainda mais o que tem

para ser contado na narrativa.



"AS HORAS SELVAGENS"
Segundo livro do autor Breno Torres

“Se uma dessas pessoas que estão fazendo literatura especulativa não é uma pessoa LGBTQIA+, muito provavelmente você não vai ter protagonismo LGBTQIA+ nessas histórias”.

Assim como os demais autores, Breno defende que é possível construir representatividade através de um lugar de observador.

Conhecendo pessoas reais, buscando diferentes perspectivas, tendo um olhar sensível e humanizado, pode-se narrar protagonismo mesmo não fazendo parte do protagonismo de uma determinada representatividade, sem correr o risco de cair em estereótipos ou vícios narrativos. “Então por exemplo, eu quero trabalhar uma mulher lésbica, ou uma relação lésbica numa obra minha. Não me custa refletir a minha condição de homem gay, observando essas mulheres lésbicas. Perceber na obra os meus preconceitos, as minhas questões misóginas como homem gay contemporâneo em relação aquelas relações lésbicas”.

Breno também compartilhou como a literatura fantástica paraense tem se tornado inspiradora. “Quando a gente entra em uma perspectiva de

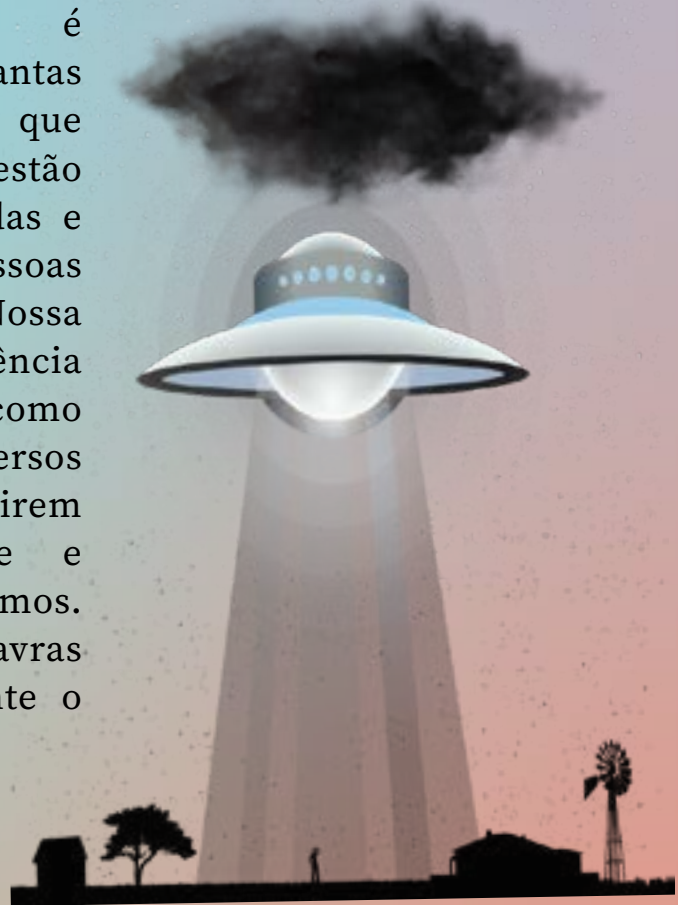
literatura especulativa de fantasia a gente tem pessoas muito interessantes, né? ‘Confessionando’ suas vivências e elaborando vivências que só podem ser encontradas em uma perspectiva nortista. Até porque não vai ser encontrado em nenhum outro lugar do país a perspectiva LGBTQIA+ nortista”. Breno reforça que só podemos ter uma narrativa do universo marginalizado LGBTQIA+ em narrativas oriundas de lugares marginalizados como o Pará. “E quando isso parte pra a elaboração, pro universosimbólico, pro universo elucidativo, pro universo metafórico da fantasia, isso tem um brilho que é só da fantasia paraense”. E trazendo este brilho paraense, Breno cita nomes que estão a produzir literatura fantástica

queer paraense, como: Clara Diane – autora lésbica de cyberpunk e ficção científica –, Saulo Sisnando – escritor de fantástico –, e Maria Luísa Albuquerque – autora bissexual assexual. “A gente tá num momento de muita erupção interessante, sabe?”, declara.

Seguindo as vozes de autores tão bem posicionados na literatura fantástica LGBTQIA+, o contexto da representatividade queer está mudando a passos largos. Ainda temos muito o que avançar, porém é delicioso ler tantas mudanças e saber que novas histórias estão sendo protagonizadas e escritas para/por pessoas LGBTQIA+. Nossa existência e resistência têm sido usadas como bases para universos fantásticos surgirem com profundidade e respeito a quem somos. E fazemos das palavras de Felipe Cavalcante o

que temos a dizer sobre a representatividade LGBTQIA+ na literatura fantástica: “Não queremos um personagem secundário que seja LGBTQ+, queremos vários protagonistas LGBTQIA+ com conflitos e complexidades. Nós da comunidade tivemos isso negado durante muito tempo, e agora acreditamos que é o momento de reavermos com histórias que reflitam nossa existência.”

Lucas Lorrán



PARCEIROS DA EDITORA

Confira os Instagram literários que são parceiros da Editora Cyberus:
[@a.beletrista](#), [@conexaoliterariia](#), [@jupiteraaurora](#), [@l.l.abraham](#), [@lupoetizando](#) e [@terrasdefantasia](#).

Vale a pena dar uma conferida!



Criado em julho de 2020 pela estudante de letras Mariana Andrade Souza, [@a.beletrista](#) é um perfil do Instagram que tem como objetivo a divulgação de conteúdo sobre Literatura, tanto brasileira quanto estrangeira, nele também há o compartilhamento de poemas, resenhas, contos e experiências.

Por fim, esse bookstagram é um ambiente virtual onde os amantes das belas-letas podem dialogar e aprender sobre arte e cultura literária.



Conexão Literária é a personificação do amor. É ser, estar e sentir. É ter mais livros na lista de leitura - e na prateleira - que se é capaz de ler, é estar sempre fazendo resenhas e indicações.



Sejam bem vindos ao Mundo Literário da Juuh, onde tudo é absolutamente possível! Aqui teremos vastas indicações literárias, onde cada novo visitante poderá encontrar um ótimo lugar para se aconchegar, além disso, ressaltamos que iremos procurar trazer para vocês novas perspectivas! Aqui, ainda lhe proporcionaremos vários sorteios e dicas para melhoramento na escrita e para superar aqueles péssimos dias de ressaca literária e o tão temido bloqueio criativo! Garanto que não irão se arrepender de explorar o meu mundinho, o Mundo da Juuh!



L. L. Abraham, ou Lu Abraham, bacharel em direito por formação, e Escritora por vocação. Viciada em livros, séries, Disney, café e Coca Cola. Perita em Friends e Harry Potter. Deu vida ao seu book-instagram para poder estar compartilhando dicas de livros, séries e filmes, além dos mais diversos memes.



O Lupoetizando é um Blog literário idealizado por Luísa Novaes, o blog trás novidades do mundo literário como lançamentos, editais, resenhas, entrevistas e muita poesia. Conta com um grupo de leitores de interação bem dinâmica que adoram se expressar e trocar ideias e opiniões enriquecendo assim o seu conteúdo.



O Ig "Terras de Fantasia" foi criado pela autora Bianca Souto para incentivar a leitura, apoiar autores nacionais, falar sobre literatura no geral e promover o universo fictício da saga A Terra dos Favos, no qual A Terra dos Favos - O Descendente é o primeiro livro. "Toda história é fantástica do seu próprio jeito"



O blog Contos de Vampiros e Terror tem 13 anos desde que foi criado. Adriano Siqueira é o fundador do blog e nele se encontram matérias, curiosidades, resenhas, entrevistas, fotos de eventos, ilustrações, histórias em quadrinhos, contos, poemas e indicações de livros. E no canto direito podem ser observadas as dez postagens mais visitadas do mês. Além disso, o blog possui, atualmente, um milhão e cem visitas e recebe 6 mil visitas por mês. <https://contosdevampiroseterror.blogspot.com>.

Quer ser blogger parceiro da Editora e ganhar livros digitais?
Mande-nos um e-mail: editoracyberus@gmail.com

NOVIDADES E FUTUROS LANÇAMENTOS

Então chegamos até aqui! Que jornada, não é mesmo? Deixa a gente te contar: fizemos uma vaquinha no Abaca\$hi e está [disponível aqui](#) (você também pode fazer a leitura do QR Code logo abaixo). Esta vaquinha irá ajudar a gente a continuar publicando mais conteúdo novo e descobrindo autores novos.

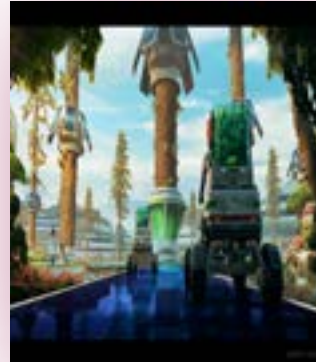
Nossa pequena editora surgiu com o sonho de divulgarmos e promovermos a literatura fantástica de um jeito alternativo e independente. Segundo dados do Clube dos Autores, para que possamos realizar este sonho de publicar novos autores precisamos de algo entre R\$ 1.457,50 a R\$ 6.940 por livro (valores de 2019). Assim que tivermos o montante, iremos abrir um edital de publicação e o valor arrecado servirá para imprimir os livros (revisão, diagramação etc) e para pagar os royalties do (a) participante.





Vai até o dia 30 de novembro de 2020 a submissão de contos new weird para a antologia

“New Weird: Estranhas Realidades”, organizada pelo Lucas “Havoc” Suzigan. Basta [clique aqui](#).



A segunda edição da Tricerata será inteiramente voltada para o subgênero Amazofuturismo.

O edital para submissão de conto pode ser conferido [aqui](#). Além disso, estamos procurando autores e ilustradores indígenas para participarem da revista. SPOILER DO BEM: em 2021, abriremos um edital para a primeira antologia brasileira – e do mundo! – de Amazofuturismo!



Também está disponível o edital para a antologia de Fantasia Urbana, organizada pelo Felipe L. Cavalcante e pode ser acessado no site da Editora.



Temos um grupo no Whatsapp, até o presente momento o [link é este](#), onde você fica por dentro de editais de antologias de vários temas, inclusive de outras editoras!

É isto, pessoal, nos vemos novamente em dezembro!